

DUAS INICIATIVAS DO PS

por Mário Soares

1. Na passada semana o PS realizou duas iniciativas que fizeram mobilizar o Partido - dirigentes, militantes e eleitores simpatizantes - para as tarefas que o esperam, nos próximos meses. Ambas tiveram em conta, a crise europeia, que não dá grandes mostras de abrandar. É um problema sério. A razão é simples. Os dirigentes europeus, nos tempos difíceis que correm, não querem ver a realidade. Isto é: a necessidade prioritária de manter e desenvolver o modelo social europeu - o nosso máximo e legítimo orgulho - lutando contra as desigualdades sociais, a pobreza, o desemprego e o trabalho precário, para que as respectivas economias não entrem em depressão, como já há indícios e começa a acontecer. E também para que o mal-estar que daí resulta não degenera em confrontos violentos. E só depois - mas em segundo lugar - reduzir os deficits externos e o endividamento, público e privado, como sugere o Banco Central Europeu, influenciado pelo economicismo neo-liberal.

Por que razão a ordem de prioridades deve ser esta, como, aliás, ensinam alguns economistas, prémios Nobel? Porque as pessoas devem sempre contar mais do que os orçamentos e os deficits. São, de resto, as pessoas que fazem funcionar as economias reais e não os números ou as empresas de ranking. Por outro lado, há, obviamente, que fazer cortes e reduções drásticas no despesismo inútil: do Estado, ministério por ministério - e em todos os órgãos de soberania - mas também nas Regiões Autónomas e nas Autarquias. Por aí vai-se muito do erário público, com resultados mais do que duvidosos e que nem sempre são, claramente, de primeira necessidade, nem sequer transparentes.

Importa ainda fiscalizar o despesismo dos Bancos e das Grandes Empresas, para que os Estados não tenham que lhes acudir, outra vez, em desespero de causa, como se passou num passado recente. Não o esqueçamos! Nem aos dirigentes responsáveis da crise que continuam impunes...

Acabar com os paraísos fiscais, as grandes especulações e regular, em termos europeus, as finanças e as economias virtuais da União Europeia, são outros dos objectivos prioritários para evitar a decadência da Europa, face aos países emergentes, aos Estados Unidos - Canadá, ao Japão, em sérias dificuldades, e a outros blocos económicos que se desenham, numa economia que cada vez é mais global e desregulada.

O PS teve um Governo maioritário de quatro anos e tal e, nas últimas legislativas, ficou apenas com uma maioria relativa, o que faz a sua diferença. Como tem sucedido, frequentemente, aos partidos que alcançam o Governo, os seus dirigentes ocupam-se do Governo e tendem a esquecer, um pouco, o Partido, que os apoia. Com o PS esta quase regra repetiu-se. Daí que, numa perspectiva difícil, seja importante - direi mesmo decisivo - mobilizar o Partido, insuflar-lhe confiança e ideologia e, sobretudo, explicar com clareza, a todos os militantes, pedagogicamente, qual a estratégia que vai ser seguida e porquê. Há pouco tempo para isso: um ano, aproximadamente. Mas se o fizer, o PS está ainda a tempo de ganhar as próximas eleições legislativas, as que verdadeiramente contam para o futuro do PS e do País.

Foi, nesse sentido, julgo eu, que se realizaram, na passada semana, as tais duas iniciativas do PS para esclarecer e abrir o debate, sobre o futuro, aos militantes e simpatizantes socialistas. Foram elas: as Jornadas Parlamentares, que se realizaram no antigo Refeitório dos Frades da Assembleia da República, sob a orientação sensata e inspirada, do líder parlamentar, Francisco Assis; e a Conferência Internacional, intitulada "As soluções do Socialismo Democrático para a Crise Económica", organizada pela Fundação Res Publica, a que infelizmente não pude assistir, mas que seguindo o parecer do Director-Geral do Fundo Monetário Internacional, Dominique Strauss-Kahn, ao que sei, "defenderam uma via de continuidade das medidas de apoio ao crescimento económico. Porque o actual cenário dos mercados financeiros tão voláteis, reclamam regulação. E cabe, por isso, aos Partidos Socialistas europeus dar esperança às pessoas".

Foram duas iniciativas paralelas que, espero, devem ser prosseguidas numa perspectiva de médio prazo, para dar força e confiança ao socialismo democrático, não só em Portugal como na União Europeia. A presença na Conferência da Res Publica de Poul Nyrup Rasmussen, presidente do Partido Socialista Europeu e de Maria João Rodrigues, ex-ministra de Guterres, bem como dos ministros Luís Amado, Vieira da Silva, Silva Pereira e Maria Helena André - e encerrada por José Sócrates, líder do PS e primeiro-ministro - vieram dar estímulo aos militantes do P.S. e uma visão mais aprofundada e menos negativa quanto ao futuro. Se houver um rumo claro e coerente e não se limitar, como nas últimas semanas tem parecido, a correr de um lado para o outro a tapar os buracos que se vão abrindo...

Os dois Rasmussen, em Portugal

2. Curiosamente estiveram em Portugal, ao mesmo tempo, os dois Rasmussen dinamarqueses, mas por razões totalmente diferentes: o Poul Nyrup, presidente do Partido Socialista Europeu, antigo sindicalista e antigo primeiro-ministro, com uma sólida formação socialista, ao qual me referi acima; e Anders Fogh, actual Secretário Geral da NATO, que veio a Lisboa preparar a Cimeira da organização de que é Secretário Geral, que aqui se realiza em Novembro e que parece contar com a presença de Barack Obama.

Numa entrevista que deu ao Sol, na sexta-feira passada, o tema principal foi o Afeganistão. Compreende-se. É uma situação sem saída, que começou muito mal, nos inícios da desastrada era Bush e que, provavelmente, vai terminar pior. É outro Vietname.

Na altura escrevi, no Público, um artigo, que foi bastante contestado, intitulado: "Um precedente perigoso". Porque a NATO foi uma organização essencialmente defensiva, de contenção soviética, criada em tempos de "guerra fria". Tratava-se, como lhe chamou Foster Dulles, Secretário de Estado dos Estados Unidos, de assegurar a paz mediante o "equilíbrio do terror".

Contudo, a NATO deixou de ter sentido com o colapso do comunismo. Simplesmente, as organizações internacionais, com estruturas pesadas, como é o caso, têm um sistema burocrático que as mantém, custe o que custar, no activo, para eles próprios, dirigentes e funcionários, não perderem os seus lugares. Por isso, transformar uma organização defensiva, num instrumento de luta contra o terrorismo, como fez Bush, apoiado por Blair e outros europeus, invadindo um país soberano, que nem a URSS - nem os britânicos, antes - nunca conseguiram dominar, foi um erro colossal, que tem custado biliões de dólares ao erário americano (e não só, também aos europeus) e muitos milhares de vítimas inocentes de várias nacionalidades. Para quê? Ninguém é capaz, julgo eu, de responder a esta questão.

Rasmussen, pensa que haverá numerosas baixas, nas próximas semanas ou meses porque, disse-o: "a luta está a intensificar-se". Como? E com que ajudas? Ninguém sabe responder. Por outro lado, admitiu que "possa haver um diálogo condicionado entre o Governo afegão e os talibãs". Com que objectivo? Não o disse. Mas acrescentou, com inegável lucidez: "Deixou de haver uma solução meramente militar para qualquer desafio de segurança". Para que serve então o aparelho da NATO? Que interesse têm nele os americanos e os europeus, neste mundo em mudança?

Acresce que foram agora descobertas grandes jazidas de minerais e petróleo no Afeganistão. Fala-se de uma nova Arábia Saudita. Ora, para a sua exploração, a paz é importante. O mundo tem de se desembaraçar de conflitos como o Iraque e o Afeganistão. Barack Obama não o ignora. É a hora da política e não da guerra. Para que faz falta a NATO, em tal contexto?

Cuba em mudança?

3. A situação económica de Cuba está a tornar-se altamente difícil. E, conseqüentemente, depois da passagem de testemunho de Fidel (que melhorou bastante) para o irmão Raul, a política tornou-se mais complexa: os protestos das mulheres de branco, mães e mulheres de prisioneiros, que se manifestam nas ruas, os prisioneiros por meros delitos de opinião, a fazerem greve de fome, como Guillermo Fariñas, o desespero da opinião pública cubana e internacional, perante um estado de coisas que, a manter-se, só pode piorar gravemente.

Foi neste contexto que a Igreja Católica tem vindo a fazer persistentes diligências para conseguir a libertação dos presos políticos. 52 serão libertados segundo a promessa de Raul de

Castro. Note-se que o Cardeal Jaime Ortega tem-se revelado um extraordinário diplomata com enorme experiência, até pessoal, visto que passou pelos campos de reeducação, há muitos anos e não ficou com ressentimentos. Na reunião recente que teve com Raul de Castro, na presença do ministro dos Estrangeiros de Espanha, Miguel Angel Moratinos, conseguiu a promessa da libertação de muitos prisioneiros, alguns dos quais já foram postos em liberdade, para seguirem para Espanha ou ficarem em Cuba. Foi por isso que, Fariñas terminou com a greve de fome, após 135 dias.

Hector Palacios, líder da dissidência cubana, disse ao El Pais que se trata do "passo mais sério dado pelo Governo nos últimos 50 anos". Aliás disse ao Presidente Obama que devia dismantelar o bloqueio económico a Cuba, com medidas sucessivas. E Moratinos comprometeu-se a fazer o mesmo com os parceiros da União Europeia... Cuba deu um primeiro e significativo passo. Os Estados Unidos e a Europa devem corresponder, deixando que os turistas entrem em Cuba e que os fluxos de capital circulem nos dois sentidos. Será o melhor e talvez o único caminho para que o regime cubano se descongele, por via pacífica. Com grandes benefícios para todo o Ocidente.

Duas mortes que muito me tocaram.

4. Jorge Fagundes, advogado, que conheci bem no Tribunal Plenário, onde defendemos vários presos políticos, simplesmente por serem contra a Ditadura. Era um homem simpático, corajoso, grande em tamanho e idealismo. Era de extrema-esquerda. Sempre o foi. Mas nem por isso, as nossas relações, apesar das diferenças ideológicas, deixaram de ser sempre cordiais e afectuosos. Era uma pessoa de bom trato, modesto, que inspirava confiança.

Vi-o pouco depois do 25 de Abril. Só ocasionalmente. Pertencia à geração da greve de 1962: tinha menos dez anos do que eu. Senti muito a sua morte, que me surpreendeu, no Algarve. Era um homem bom, um cidadão ímpoluto, professor da Faculdade de Direito.

Matilde Rosa Araújo foi colega de minha Mulher e minha, na Faculdade de Letras. Sempre foi uma pessoa encantadora, doce, afectuosa, com grande respeito pelos outros. Tornámo-nos amigos, desde então. Nunca fomos íntimos, pelo menos eu, mas sempre mantivemos um contacto muito cordial, com o correr dos anos. Tornou-se uma escritora de enorme mérito particularmente em literatura infantil. Os livros uniram-nos sempre e com os seus, recebeu muitas honrarias e prémios. Conservou-se, porém, ao longo de toda uma vida, tinha dois ou três anos mais do que nós, extremamente modesta e simples. Toda a gente a considerou sempre uma personalidade encantadora. Fez-nos muita impressão - e sincera tristeza - a sua morte.

Lisboa, 13 de Julho de 2010